

**«Have you ever tried to enter the long black branches of other lives?» : a
tentação do Outro. Um exercício de aproximação à Ecocrítica.**

Isabel Maria Fernandes Alves

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

ifalves@utad.pt

Em *Seis Propostas Para o Próximo Milénio*, Italo Calvino afirma: “A literatura só vive se se propuser objectivos desmedidos, mesmo para além de qualquer possibilidade de realização. Só se os poetas e escritores se propuserem empresas que mais ninguém ouse imaginar, é que a literatura continuará a ter uma função. Desde que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam sectoriais e especializadas, o grande desafio para a literatura é o de saber tecer conjuntamente os diferentes saberes e os diferentes códigos numa visão plural e multifacetada do mundo.” (Calvino 134).

Com isto, Calvino quer vincar a vocação da literatura: dar forma à multiplicidade da vida, aspecto reforçado quando o mesmo Calvino propõe: “oxalá fosse possível uma obra concebida fora do *self*, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada de um eu individual, não só para entrar noutros eus semelhantes ao nosso, mas também para fazer falar do que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a árvore na Primavera e a árvore no Outono, a pedra, o cimento, o plástico....” (Calvino 145).

E é precisamente nesta proposta que se centra o trabalho que aqui propomos. Para nós, a ecocrítica vem chamar a atenção para o que não tem voz, vem realçar a importância de olhar a diversidade e pluralidade do mundo, algo que a literatura, adoptando diferentes estilos de expressão e múltiplos métodos interpretativos, tem feito desde sempre. Este novo olhar crítico caracteriza-se pela maior atenção dada à parte do mundo considerada não-humana e por isso tantas vezes representada apenas como cenário das acções do homem.

O verso de Oliver: ‘alguma vez entraste nos longos e negros ramos de outras vidas?’ (Oliver 141) resulta de uma fé nos sentidos para apreender a vida: olhar em redor e escutar o mistério da vida, sentarmo-nos, como erva entre ervas, e vogarmos ao vento. No poema com o mesmo nome, Oliver sugere que se escute e sinta a vida – a vagem da alfarrobeira seca escorrendo melão no início do verão, o mar que delicadamente se divide quando nele entramos, a erva sobre a qual nos deitamos, o ar no qual nos elevamos, permitindo-nos voar, leves, embora de corações pesados.

Esta poesia corresponde à intensificação do que tem sido um dos mais originais veios da literatura americana, linha que ao longo dos últimos dois séculos tem sido designada, como escrita sobre o lugar, sobre a natureza ou sobre a paisagem. Mais próximo de nós, uns optam pela designação de escrita ambiental, outros por ecocrítica. De qualquer modo, esta diferente taxinomia pretende por em relevo, por um lado a importância da experiência física e territorial na alma humana, por outro lado, acentuar a componente relacional que envolve todos os seres que habitam a biosfera.

A ecocrítica, uma versão académica do movimento ambientalista, e termo que nos ocupa neste momento, é entendido pois como um estudo atento àquilo que num texto

literário ficcional ou não ficcional são as múltiplas vozes e pontos de vista que dialogam entre si, não apenas numa perspectiva antropocêntrica, mas considerando que todas as entidades na grande rede da natureza são reconhecidas e dialogam entre si. Michael McDowell enriquece esta perspectiva colocando-a em relação com a noção Baktiniana de dialogismo, afirmando que nem todos os autores são capazes de entrar no mundo privado das diferentes entidades que constituem a paisagem. (McDowell 372)

Se a constatação de que existem (sempre existiram) autores que tratam o mundo que nos rodeia de forma mais íntima e subjectiva, como alargamentos de alma, na medida em que se dispõem a incluir o outro, é relevante salientar que esta abertura resulta de um olhar e de um diálogo interdisciplinar, quer dizer, a capacidade que um autor manifesta em aceder a outro tipo conhecimento. Por exemplo, a polifonia de vozes de Bakhtin relaciona-se com a perspectiva de Charles Darwin de que cada criatura se define através da interacção com outros seres.

A diversidade e a interdependência são pois dois aspectos modelares na definição de ecocrítica, o equivalente, como sugere Wendell Berry, da zona de fronteira entre dois campos – as margens, as orlas - esse tipo de terreno que liberto da monocultura se presta a alojar uma maior riqueza de habitats. É aí, como afirma Berry, que plantas e animais e crianças se encontram para mais livremente jogarem as suas potencialidades. (Berry 52)

Detenho-me na relevância que a perspectiva ecocrítica ou ambiental tem no contexto da história literária americana. São inúmeros os estudos que salientam a importância do meio natural na construção do Novo Mundo. Ali, como refere W.H. Auden, a natureza deixa de ser familiar e o encontro entre o europeu e a natureza

americana é um encontro de iguais: epiderme e casca de árvore confrontando-se livres de referências e passado. Os Puritanos souberam ler no texto verde e natural americano a confiança de um Deus que lhes fala através da Natureza, espalhando a ideia e a convicção de que a América, mais do que qualquer outra nação, vive em perpétuo contacto com a natureza.

Por outro lado, essa natureza afirma-se instrumental na própria regeneração e imortalidade da nação: à semelhança da ciclicidade da natureza, a América sente-se um país capaz de reverdescer em cada primavera no sentido de desabrochar num futuro sempre promissor e imortal. Assim, desde o primeiro olhar europeu, mas com mais força ainda depois da Segunda Grande Guerra, a literatura americana é atravessada por temas relacionados com a representação da Natureza, com o género pastoril, com a força do espaço selvagem na experiência americana.

De qualquer modo, ao falar da América não podemos deixar de referir que antes do olhar europeu, o saber ameríndio há muito que contemplava as inter-relações entre sistemas e organismos, desejando articular a voz individual com a harmonia e equilíbrio daquilo que o rodeia, com a sua integração no cosmos que habita. Daí a importância das cerimónias, momento da vida da tribo que permite que o indivíduo alargue a sua relação com a comunidade, comunidade essa que não inclui apenas homens, mas todo os seres que habitam em seu redor.

Com o surgimento dos movimentos ambientalistas na década de setenta, as perspectivas atrás enunciadas adquirem uma nova direcção no que respeita os estudos literários: as universidades americanas acolhem este novo olhar e esta nova certeza

relativamente ao modo como no texto a experiência humana surge moldada pelo espaço em que é produzida, e de como o homem física e mentalmente age também ele sobre os espaços com que dialoga. Ou domina. E aqui joga-se toda a capacidade da humanidade em lidar com aquilo que o rodeia e está ao seu dispor.

Nesse sentido, nas considerações acerca da ecocrítica temos de ter em conta uma componente ética, indissociável que é da inovação que esta perspectiva crítica nos propõe. E é precisamente em território americano que Aldo Leopold, em meados do século vinte, propõe o alargamento do conceito de comunidade; que esta passe a incluir os solos, as águas, as plantas e os animais, sugerindo que o homem chame a si outra função que não apenas a de conquistador, antes que se torne membro e cidadão pleno da comunidade da terra. (Leopold, 190)¹

Quando em 1996 Cheryll Glotfelty define ecocrítica como uma perspectiva literária que tem como centro as relações entre o autor, o texto e o mundo, entende por mundo a biosfera e não apenas o universo social. Para o crítico William Howarth, a ecocrítica procura reforçar uma ideologia humanística na leitura de textos literários, assegurando que o saber das ciências naturais contribui para o enriquecimento epistemológico. Anteriormente, Lawrence Buell, centrando-se em textos não ficcionais, já apresentara o que na sua perspectiva definia o texto do ponto de vista ambiental: um texto que prestasse atenção ao mundo não humano e que surgisse como uma mediação consciente entre o mundo real e as formas de percepção.

¹ Dado o público-alvo desta comunicação, optámos por utilizar a edição portuguesa da obra de Aldo Leopold. Adoptámos o mesmo critério para a obra de David Henry Thoreau.

Segundo Buell, o texto com preocupações ambientais poderá ser entendido como aquele onde literariamente o mundo não humano surge como uma presença vital na delimitação do destino humano, onde a especificidade de um lugar ou de um ser é transmitido tendo em conta o seu habitat, onde o envolvimento ético da personagem é visível, onde o ambiente é perspectivado como uma entidade em movimento, em constante transformação. (Buell 7-8) A pergunta de Buell: “Terá a literatura de nos enviar para longe do mundo físico, nunca de regresso a ele?” corresponde a uma intimação que uma análise ecocrítica terá de responder.

Como já se referiu, a presença da natureza foi central no desenvolvimento e consolidação da literatura americana. Para os europeus, a América foi, antes de tudo, natureza e foi sendo revelada sobretudo através da sua morfologia territorial. Exploradores, cientistas, curiosos transmitem a ideia de se estar perante uma geografia imensa e variada o que, no encontro com o Romantismo, se traduziu na imagem fundacional da América como uma nação-natureza, o que em concreto, contrasta com a forte industrialização que a caracteriza desde meados do século XIX. É neste período que surgem dois dos nomes que de forma mais cabal protagonizam uma valorização da matéria americana: a natureza. Referimo-nos a Ralph Waldo Emerson e a Henry David Thoreau. É sobre este último autor e sua obra *Walden* que nos debruçaremos.

O facto de no verão de 1845 Thoreau ter decidido afastar-se da civilização e de junto ao lago Walden erguer uma cabana para onde se mudou e onde viveu alguns meses, assinalou um padrão essencial na literatura americana: um protagonista isola-se da civilização, escuta e anota os fenómenos, os mistérios e os ritmos da natureza. Quando regressa à sociedade é um ser rejuvenescido e espiritualmente mais enriquecido. No

poema de Mary Oliver que já aqui citámos, um dos versos interpela-nos: ‘ouve, respiras apenas o mínimo e chamas a isso vida?’, questão que entra em diálogo com a resposta que Thoreau dá quando às razões de ter ido viver para junto do lago: “Fui para os bosques porque pretendia viver deliberadamente, defrontar-me apenas com os factos essenciais da vida, e ver se podia aprender o que ela tinha a ensinar-me, em vez de descobrir à hora da morte que não tinha vivido.” (Thoreau 108).

A atitude é a de uma atenção contínua: “Nenhum método nem disciplina suplanta a necessidade de permanecer sempre alerta.” (130), e, por isso, tem uma admiração especial pelo período da manhã, momento do dia em que devemos despertar do sono não apenas física mas mentalmente. Se as actividades de Thoreau o conduzem a actos simples e directos - anotar as transformações da água do lago e dos ventos, o derretimento da neve, a flora e a fauna dos seus passeios, Thoreau não deixa de recorrer a metáforas para falar do homem americano do seu tempo.

Assim, quando se ocupa da medição da fundura do lago, diz-nos que este tem 36 metros, uma profundidade razoável se pensarmos no inconsolável que seria se os lagos fossem todos rasos. Para Thoreau, a profundidade do lago está directamente relacionada com a profundidade do pensamento: “Sinto-me grato por este lago ser profundo e puro para servir de símbolo. Enquanto os homens acreditarem no infinito, alguns lagos serão tidos como insondáveis.” (313)

A questão da profundidade é ainda outra: quão profunda é a vida dos homens? Quais os fundamentos da vida humana? Em meados do século XIX, a América não correspondia já às expectativas daqueles que acreditaram nas promessas do Novo Mundo,

e poucos eram os que desejavam viver o dia-a dia deliberadamente na natureza (115). Thoreau enaltece o despojamento, porque vê nele uma forma de liberdade e quando coloca a sua mobília no exterior da casa, mais do possibilitar a limpeza do espaço interior, o acto representa, nas palavras de Robert Harrison, um símbolo do desejo ético de abertura da América à natureza da sua promessa original e à promessa inscrita na sua natureza. (Harrison 227).

Walden em particular, mas toda a escrita de Thoreau contribui para que autor e leitor ao tomarem consciência da exterioridade da natureza se apercebam mais profundamente da sua limitação no modo de ler o mundo. Ao ler o Outro, que é a natureza, que este se aperceba das suas fronteiras apenas para mais convictamente alargar a sua capacidade de entendimento do mundo.

O pensamento de Thoreau influencia de forma clara os autores que se lhe seguiram e que viram na natureza, no lugar que habitam, uma possibilidade de diálogo para chegarem mais próximo da compreensão do Outro. No domínio da não-ficção, nomes tais como Aldo Leopold, já aqui referido, John Muir, Mary Austin, Rachel Carson e Anne Dillard ilustram a urgência de que o homem olhe em seu redor e que veja, que aprenda a ver o que de outra forma passará despercebido; ao salientar este aspecto na leitura do texto literário, a ecocrítica revela-se uma intensificação do olhar.

A mesma ideia é expressa por Mary Oliver, salientando que quando caminha – e neste particular, lembrando Jean Jacques Rousseau e *Os Devaneios de um Caminhante Solitário* – e pelo facto de olhar uma e outra vez o mesmo objecto ou o mesmo fenómeno, este transcende a forma física para se transformar em símbolo. Em Oliver, como em

Thoreau, o mundo natural dialoga com a comunidade humana; em Oliver como em Thoreau, ao expandir-se o modo de olhar o familiar, recria-se o próprio eu, recriando-se, dessa forma também, a própria América.

Assim, a poesia de Oliver e os seus textos de não-ficção mostram uma sensibilidade ecológica apurada, o que significa que ela presta atenção particular às relações entre os organismos e o seu habitat, que defende e celebra a preservação dos ecossistemas, que admira a beleza do mundo natural que nos envolve, e que apresenta a sua visão do que eticamente devemos ou não fazer pela preservação do planeta. Ao chamar a atenção para o vento, para o som da chuva, diferente consoante o local onde cai, para o carvalho, para a folha do carvalho, ela não pretende falar destes elementos, mas falar por eles: ‘consegues imaginar uma árvore durante a trovoada ou debaixo da chuva num dia de verão ou coberta pelo manto de neve no inverno?’ (*Long Life* 14).

Através da imaginação, e aproximando o leitor do solo, das árvores ou das estrelas, Oliver devolve um mundo envolto em espiritualidade, uma espiritualidade não necessariamente teológica mas ontológica; fica-se mais perto do conhecimento, da tensão escondida na penumbra do mundo. E já agora, escondida também na penumbra do eu.

É este desdobramento da realidade que pretendo apontar quando na sala de aula, e durante uma aula de literatura, convido os alunos a repensarem a leitura de textos através da ecocrítica. Assim, quando falamos de poluição, de desperdício nuclear, da destruição de ecossistemas, pretendo argumentar que os textos falando do assunto directa ou indirectamente estão a agir sobre a consciência dos seus leitores, estão visível ou subtilmente a apresentar modelos de compreensão dos problemas. Ao salientar textos e

autores que perseguem o conhecimento do mundo e do Outro através da atenção que prestam à interligação de todos os organismos existentes no planeta, desejo despertar consciências de viva sensibilidade ambiental, ou seja, alunos mais convencidos da inter-relação entre o ‘eu’ e a materialidade do universo em que vivem; pretendo, como já referi, apontar que num texto não é relevante apenas o ponto de vista humano sobre a natureza, mas a percepção imaginativa do ponto de vista da natureza.

Para finalizar, utilizo as palavras de William Rueckert sobre literatura e ecologia para reforçar que o entrelaçamento de uma perspectiva humanística com conceitos do domínio da ecologia conduz a que a comunidade literária se aperceba da comunidade mais larga da biosfera, à qual pertencemos, segundo a ecologia, mas que mesmo assim destruimos. (Rueckert 121) Segundo este crítico, o professor de literatura deve ainda apresentar como possibilidade de futuro o voltarmos para os poetas (escritores) e para os ecologistas e criar uma poética ecológica. (114) A poesia de Mary Oliver diz-nos que ainda há tempo; num qualquer lugar, os campos convidam-nos: “Well, there is time left- /fields everywhere invite you into them”. (Oliver 141)

Bibliografia:

1. Berry, Wendell (1987). *The Landscape of Harmony. Five Seasons Press.*
2. Buell, Lawrence (1995). *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture.* Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press.
3. Calvino, Italo (1990). *Seis Propostas para o Próximo Milénio.* Lisboa: Teorema.
4. Harrison, Robert Pogue (1992). *Forests. The Shadow of Civilization.* Chicago and London: The University of Chicago Press.
5. Howarth, William (1996). "Some Principles of Ecocriticism". Cheryll Glotfelty & Harold Fromm. Eds. *The Ecocriticism Reader.* Athens and London: The U. of Georgia, pp. 69-91.
6. Leopold, Aldo (2008). *Pensar como uma Montanha.* Águas Santas: Edições Sempre-em-Pé.
7. McDowell, Michael (1996). "The Bakhtinian Road to Ecological Insight. Cheryll Glotfelty & Harold Fromm. Eds. *The Ecocriticism Reader.* Athens and London: The U of Georgia pp. 371-391.
8. Oliver, Mary (2005). *New and Selected Poems. Volume Two.* Boston: Beacon Press.
9. ID (2004). *Long Life.* Cambridge, MA: Da Capo Press. [LL]
10. Rueckert, William (1996). "Literature and Ecology". Cheryll Glotfelty & Harold Fromm. Eds. *The Ecocriticism Reader.* Athens and London: The U. of Georgia pp. 105-123.
11. Thoreau, Henry David (1999). *Walden ou a Vida Nos Bosques.* Trad. Astrid Cabral. Lisboa: Edições Antígona.